
A atualidade do pensamento de Paulo Freire e sua contribuição para a educação no Brasil

FERNANDA SILVA DE OLIVEIRA*

LÚCIA HELENA ALVAREZ LEITE**

Resumo

Neste texto, apresenta-se uma síntese do pensamento de Paulo Freire, principalmente no que se relaciona às suas concepções acerca de educação, de educação bancária e de educação dialógica. Baseando-se nessas concepções, faz-se uma reflexão sobre a atualidade do pensamento de Paulo Freire e sua contribuição para o enfrentamento dos problemas educacionais na nossa sociedade.

Palavras-chave: Paulo Freire. Educação bancária. Educação dialógica.

Introdução

Estamos vivendo um momento bastante desafiante no que se refere à educação de uma grande parcela de crianças, jovens e adultos oriundos das camadas populares de nossa sociedade.

* Pedagoga. Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisadora do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão Território, Educação Integral e Cidadania (TEIA) – FAE/UFMG. Integrante do Programa de Ensino Pesquisa e Extensão Ações Afirmativas. E-mail: fernandasoxyx@gmail.com.

** Graduada em Serviço Social pela PUC Minas. Mestra em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Educação pela Universidade de Valencia, Espanha. Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão Território, Educação Integral e Cidadania (TEIA) – FAE/UFMG. E-mail: lualvarezleite@gmail.com.br.

São desafios que colocam em xeque a função das instituições educativas para esses sujeitos. Mas o que fazer diante desses desafios?

A resposta pode ser buscada em experiências educativas protagonizadas pelos Movimentos Sociais no início da década de 1960 e reveladas, principalmente, pelas ideias de Paulo Freire. Dessas ideias, talvez a mais radical seja a que redireciona nosso olhar sobre os educandos.

Foi em 1958, no *II Congresso Nacional de Alfabetização de Adultos*, que Paulo Freire apresentou uma proposta que revolucionou o olhar sobre o adulto analfabeto. Até aquele momento, todas as ações desenvolvidas no campo da Alfabetização de Adultos, principalmente por meio de Campanhas, tinham um olhar muito negativo sobre esses adultos. Eram vistos como fracassados, incapazes, como aqueles que impediam o progresso do Brasil. Paulo Freire chegou a esse congresso com um relatório intitulado “A Educação de Adultos e as populações marginais: o problema dos mocambos”, desconstruindo essa visão negativa dos adultos analfabetos. Revela que tais adultos, apesar de não saberem ler e escrever, são detentores de conhecimento, são sujeitos de uma rica cultura e que a questão do fracasso no seu processo de escolarização está na inadequação das propostas pedagógicas dirigidas a eles. Defende a ideia de que a educação tem de partir daquilo que o educando sabe, considerando-o como sujeito sociocultural. Somente nessa perspectiva, defende Paulo Freire, haveria êxito nos trabalhos de alfabetização desenvolvidos.

Estamos vivendo um momento semelhante ao de 1958, se considerarmos a educação no Brasil. Fruto das muitas políticas públicas de educação inclusiva, temos, hoje, um grande contingente de crianças, jovens e adultos pobres em processos educativos; sujeitos que, até pouco tempo, estavam excluídos desse processo. Garantir a presença dessas crianças foi uma grande conquista, mas ainda insuficiente. O desafio agora é garantir, também, o seu

processo de aprendizagem, e esse tem sido o esforço de muitos educadores brasileiros. No entanto, muitas vezes, esse esforço parte de um olhar bastante negativo sobre elas, vistas sempre na perspectiva do “não”: não sabem ler e escrever, não sabem obedecer a regras, não respeitam os outros, não têm interesse, não aprendem.

É nessa perspectiva que as ideias de Paulo Freire podem, e muito, contribuir para uma mudança desse olhar, passando a vê-las como sujeitos capazes de produzir conhecimento, com trajetórias de muitas aprendizagens, com capacidades e responsabilidades.

Mas escrever sobre o pensamento e as ideias de Paulo Freire é complexo e até mesmo desafiante, pois nos faz refletir sobre nossa condição humana, sobre nossas práticas cotidianas, algo tão necessário e cada vez mais corriqueiro neste mundo *líquido*, nas palavras de Bauman (2004, p. 37), onde as relações, os encontros, os diálogos são cada vez mais superficiais e efêmeros.

Por meio de uma prática mediatizada pelo diálogo e pela valorização da cultura do sujeito, Paulo Freire vê na educação uma forma política de transformar a sociedade, para que esta se torne mais justa e igualitária. Em tempos de exclusão, podemos dizer que Paulo Freire ainda é muito atual, assim como suas concepções de mundo e de educação. Sua práxis como educador traz elementos importantes para se pensar em um projeto de educação, instrumento de transformação e libertação.

Nesse contexto, a pedagogia de Paulo Freire traz elementos essenciais para pensarmos o processo educativo e sua dinâmica. Para Freire, é importante que a educação cumpra seu papel como agente de conscientização. Assim, ele vê a educação como um ato público e político para se chegar a uma *prática da liberdade*. Para que essa prática aconteça, precisa-se da valorização da diversidade cultural, do respeito ao outro, e tudo isso se dá por meio do diálogo, da conscientização e da politização dos educandos,

no sentido de identificá-los como sujeitos históricos e críticos da sociedade.

Educação como processo de humanização construído pelo diálogo

Paulo Freire compreende o conceito de educar como humanizar-se. O homem é um ser da práxis, da ação e da reflexão. Ele diz que a natureza ontológica do homem é ser mais; ninguém quer ser menos. O que nos impede são as estruturas opressoras da sociedade.

Assim, Paulo Freire enxerga os sujeitos – educandos e educadores – como sujeitos socioculturais. Nessa perspectiva, a aprendizagem não pode estar desvinculada da experiência cultural desses sujeitos, havendo o reconhecimento e a valorização da diversidade. Portanto, para Freire, a Educação é um processo permanente, que não se esgota nos minutos de cada aula, não se prende aos muros escolares, exatamente porque não acontece exclusivamente na escola.

Segundo Freire, educamo-nos durante toda a vida; até o momento da morte para ele constitui um ato educativo. Nesse processo, é preciso que o educando se coloque como sujeito, e não como mero objeto. Como afirma Freire (1996, p. 36) “se o homem é o sujeito de sua própria educação, não é somente objeto dela; como ser inacabado não deve render-se, mas interrogar e questionar”.

Como seres inacabados, os homens, para Freire (1979, p 10.), são também sujeitos de conhecimento:

Conhecer não é ato através do qual um sujeito transformado em objeto recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dá ou lhe impõe. O conhecimento pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante, implica em invenção e reinvenção.

Aqui há um olhar positivo sobre o sujeito que a educação precisa considerar, no sentido de perceber o que ele sabe, o que ele traz de bagagem cultural, e não apenas o que lhe falta, o que ainda não aprendeu.

Paulo Freire aborda a questão da dialogicidade como essência da educação considerando-a prática da liberdade. O diálogo é visto como fenômeno humano, pois, segundo ele, não há palavra verdadeira que não seja práxis, como ato de criação que procura a conquista do mundo para a libertação dos homens. Ele acredita que o dado fundamental das relações de todas as coisas no mundo é o diálogo. O diálogo é o sentimento de amor tornado ação, o diálogo amoroso, que é o encontro dos homens que se amam e que desejam transformar o mundo.

Como afirma Freire (1987, p. 16),

o diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se a si mesmo num mundo que é comum; porque é comum esse mundo, buscar-se a si mesmo é comunicar-se com o outro. O isolamento não personaliza porque não socializa. Intersubjetivando-se mais, mais densidade subjetiva ganha o sujeito.

Na perspectiva de Paulo Freire, só há diálogo com um profundo amor ao mundo e aos homens mediante humildade sincera e fé no poder de criação do homem, sendo então, um ato de criação e recriação, de coragem e de compromisso, de valentia e liberdade. Assim, o diálogo faz-se numa relação horizontal baseada na confiança entre os sujeitos e na esperança transformada na concretização de uma procura eterna fundamentada no pensamento crítico.

Segundo Freire, o diálogo não é somente uma qualidade do modo humano de existir e agir; é a condição desse modo o que torna humano o homem. O relacionamento educador e educando

precisa estar firmado no diálogo, ambos se posicionando como sujeitos no ato do conhecimento numa relação horizontal. Para ele, o autoritarismo que permeia a relação da educação tradicional precisa ser banido para dar lugar à pedagogia do diálogo. Contudo, essa relação horizontal não acontece de forma imposta, mas, sim, quando educando e educador conseguem se colocar na posição do outro, tendo a consciência de que ao mesmo tempo são educandos e educadores.

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática 'bancária', são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educando passivos. (FREIRE, 1987, p. 79)

Em Freire, na pedagogia do diálogo insere-se também o conceito de educação, na qual ninguém sabe tudo e ninguém é inteiramente ignorante. A educação não pode ser diminuidora da pessoa humana, precisa levar à transformação. Para Freire, nós nos educamos em comunidade. Sua busca é por uma educação comprometida com os problemas da comunidade, o local – onde se efetiva a “vida do povo”. A comunidade, para ele, é o ponto de partida e de chegada.

Assim, por meio de uma prática mediatizada pelo diálogo e pela valorização da cultura dos sujeitos, Paulo Freire vê na educação uma forma política de transformar a sociedade, para que esta se torne justa e igualitária. Para ele, só o diálogo pode interagir e construir um mundo melhor e mais justo, na busca de uma “práxis” libertadora que inclui e não exclui, que não se conforma com a reprodução, e sim com a produção coletiva, crítica, política, consciente e reflexiva, por meio da educação como espaço de construção e transformação.

A dimensão política da educação: a educação não é neutra

A educação como ato político é outra matriz do pensamento de Freire (2000, p. 37), expressa no seguinte questionamento:

Há perguntas que temos que fazer com insistência, que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar, de estudar sem comprometer-se. Como se de forma misteriosa, de repente, nada tivéssemos em comum com o mundo exterior e distante. Para que estudo? A favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo?

Nesse sentido, Paulo Freire traz à tona o caráter conflitivo da educação, já que, para ele, é preciso que os educadores se posicionem diante de dois projetos de educação: a educação bancária e a educação libertadora.

Para Freire (1987, p. 67), na educação bancária,

o 'saber' é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro.

Assim, na concepção bancária, o educador passa a ser um depositante de conteúdos, preenchendo, por meio de um monólogo, o vazio do educando, visto como uma página em branco, como um recipiente vazio que deve receber, passivamente, os conteúdos da educação. Nessa perspectiva, a educação bancária é um instrumento de opressão e contribui para a manutenção de uma sociedade injusta e desigual.

Já a educação libertadora é aquela que se compromete com a mudança das estruturas opressoras da sociedade, possibilitando, assim, um processo de transformação social. Nessa educação, o

educador tem como tarefa criar situações de problematização do mundo. Para Paulo Freire a ideia de diálogo traz, também, a ideia de problematização do mundo – a educação dialógica é a educação problematizadora. Segundo ele, quanto mais problematizamos os educandos como seres no mundo e com o mundo, mais eles vão se sentir desafiados; quanto mais desafiados, mais buscarão responder a esse desafio.

Nesse processo, os educandos são desafiados a problematizar a realidade social desnaturalizando-a para que possa ser, assim, transformada. Trata-se de uma atitude dialógica, onde o confronto, as idéias e os conhecimentos de todos os sujeitos envolvidos no processo educacional são levados em conta para a construção de novos conhecimentos, superando conhecimentos estabelecidos. O saber da experiência feita, como diz Freire, deve ser algo fundamental no processo educativo. Por isso, ao contrário de uma educação transmissiva, bancária, ele propõe que, em uma educação dialógica, diferentes saberes, com valores epistemológicos semelhantes, dialoguem na busca de novos conhecimentos. Essa perspectiva desafia educadores a olhar seus educandos de outra maneira, para inscrevê-los simbolicamente como sujeitos produtores de significados, tendo um olhar para seu cotidiano, para o espaço onde ele se insere.

Para Freire, os conteúdos da educação precisam estar carregados de sentido e significado, precisam ser temas geradores de inquietações, de discussões, de problematização da realidade social. Daí vem sua proposta de trabalhar com temas geradores já que

Os ‘temas geradores’ podem ser localizados em círculos concêntricos [...]. Temas de caráter universal, contidos na unidade epocal mais ampla, que abarca toda uma gama de unidades e subunidades, continentais, regionais, nacionais, etc., diversificadas entre si. Como tema fundamental desta unidade mais ampla, que poderemos chamar ‘nossa época’, se encontra, a nosso ver, o da libertação, que indica o seu contrário, o tema da dominação. (FREIRE, 1987, p. 111)

Todo conhecimento, assim, deve ser problematizado, contextualizado. Não se trata de substituir o conhecimento sistematizado pelo popular, mas de estabelecer um diálogo entre esses conhecimentos. Segundo Freire (1992, p. 70-71),

Não há como não repetir que ensinar não é a pura transmissão mecânica do perfil do conteúdo que o professor faz ao aluno, passivo e dócil. Como não há também como repetir que, partir do saber que os educando tenham não significa ficar girando em torno desse saber. Partir significa pôr-se a caminho, ir-se, deslocar-se de um ponto a outro e não ficar, permanecer. Jamais disse, como às vezes sugerem ou dizem que eu disse, que deveríamos girar embevecidos em torno do saber dos educandos, como a mariposa em volta da luz. Partir do 'saber da experiência feita' para superá-lo não é ficar nele.

Dessa maneira, Freire explicita o que seria um diálogo para a transformação: a relação dialógica implica um falar com, e não num falar por ou em um falar para, pois não se trata da conquista de uma pessoa por outra; senão que é uma conquista do mundo pelos sujeitos dialógicos. Assim, na disponibilidade para o diálogo, no sentido usado por Freire, de abertura respeitosa aos outros, é possível começar a potencializar todos os sujeitos envolvidos nos processos educativos, objetivando a construção de uma nova maneira de ensinar e aprender. As transformações necessárias só se efetivarão com a valorização dos sujeitos como autores das propostas de inovações.

Para Paulo Freire, o encontro entre educadores se dá no espaço do círculo de cultura, onde não pode existir o professor tradicional (bancário), que tudo sabe, nem o aluno que nada sabe. Tampouco podem existir as lições tradicionais que só vão exercitar a memória do estudante. O círculo de cultura é um lugar – junto a uma árvore, na sala de uma casa, numa fábrica, mas também na escola – onde um grupo de pessoas se reúne para discutir sobre sua prática, seu trabalho, a realidade local e nacional, sua vida familiar e decidir juntos sobre os assuntos que desejam tratar.

Assim, outra lição que recebemos de Paulo Freire é a de pensar a educação como um processo cultural. Sua afirmação, já tão conhecida entre nós, é uma importante aula de pedagogia: a leitura do mundo precede sempre à leitura da palavra, e a leitura desta implica continuidade da leitura daquele. E essa leitura do mundo é sempre cultural, é uma leitura da imersão na cultura, que precede a leitura da palavra, que implica a continuidade da leitura de mundo. Essa é a chave para pensarmos o processo educativo.

Como destaca Freire (1992, p. 86),

Não podemos deixar de lado, desprezado como algo impresentável, o que os educandos trazem consigo de compreensão do mundo nas mais variadas dimensões de sua prática, na prática social de que fazem parte. Sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da religiosidade, da vida, da morte.

Considerar o educando como sujeito e protagonista exige mudanças reais nas formas de conduzir a prática educativa. O protagonismo do educando, na prática educativa, deve, assim, sair do discurso e ir para a prática. Tudo precisa ser discutido, conversado, debatido, enfrentado junto com eles, e não para eles. O resultado será a construção de uma responsabilidade coletiva sobre o processo de conhecimento.

A atualidade do pensamento de Paulo Freire para a educação no Brasil

Essencial é destacar a importância do papel de Freire nos diversos contextos sociais, seja nos movimentos sociais, seja no campo educacional. Em qualquer um desses contextos de prática educativa, é preciso fazer uma imersão em suas ideias e escritos,

que são reflexos de sua prática de vida cotidiana. Necessário é, também, compreender os contextos e os processos de produção, assim como a construção e a elaboração de seu pensamento.

Em Pedagogia da esperança, Freire (1992) memoriza mais intimamente seu período de exílio do Chile, relacionando-o ao processo de construção da Pedagogia do oprimido (FREIRE, 1987). Nesse processo, ele destaca a importância do caráter dinâmico do conhecimento e do saber, os quais se “re-dizem”, se refazem ao longo do tempo, mediante novas vivências e experiências, novas práticas cotidianas, ou seja, aprendemos no e com o mundo, aprendemos uns com os outros.

E assim percebemos a necessidade de sempre questionar, inclusive para nós mesmos, sobre o papel do conhecimento, como e quando ensinamos e aprendemos – e nesse ponto nossas práticas educativas se configuraram em momentos diversificados e essenciais de reflexão sobre nossos contextos de vida, nossas práticas profissionais e nossa postura no mundo.

A pedagogia de Paulo Freire parte do social e vai para além da escola. Os conteúdos de ensino são resultados de uma metodologia dialógica. Cada pessoa, cada grupo envolvido na ação pedagógica, dispõe, também, de conteúdos dos quais parte. Além de transmitir conteúdos específicos, busca-se despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida, voltada para a construção da cidadania. Assim não existe modelo de educação, a escola não é o único lugar onde ela ocorre; ela se dá em variados contextos e territórios diferenciados e também nas diversas relações que estabelecemos com uns com os outros.

A atualidade do pensamento de Paulo Freire vem sendo afirmada pela multiplicidade de experiências que se processam tendo o seu pensamento como referência, em diferentes áreas do conhecimento, no Brasil e internacionalmente. Embora, por vezes, o pensamento de Freire ainda seja compreendido como uma postulação educacional distante da realidade concreta da

educação, atrelado a um método de alfabetização, a análise apurada de sua obra e das produções presentes na literatura educacional, acrescidas das experiências inspiradas na matriz de pensamento do autor, permite-nos afirmar que a pedagogia freireana tem contribuições muito relevantes para o campo educacional. Freire é um teórico do campo educacional reconhecido e legitimado internacionalmente. É fato que a visibilidade de sua obra é maior fora que dentro de seu próprio país. Como aponta Arroyo (2001), é preciso que o educador se reencontre com as concepções de Freire, pois lhe falta radicalidade para questionar o mundo vivido, fazer intervenções, rever práticas, posturas, ou seja, sair da exclusão, deixando de ser um oprimido.

Conclusão

O pensamento e a prática de Paulo Freire nos permitem indagar sobre nossa ação no mundo e como ela se reflete em nossa prática cotidiana. Sobre nossa prática como educadores comprometidos com uma educação democrática. Quais concepções de educação defendemos, de quais nos aproximamos e para que projeto de sociedade temos contribuído? Como nos posicionamos politicamente em nossos contextos sociais?

Paulo Freire, assim, nos mostra a necessidade de nós, educadores, termos a “rebeldia” necessária para compreender as estruturas opressoras de nossa sociedade, numa perspectiva macro, e as práticas bancárias em nosso cotidiano, e rebeldia também para romper com essa realidade, em um mundo cada vez mais opressor, mais desigual. Essa é uma das inquietações mais profunda que Paulo Freire nos propicia: repensar nosso lugar como sujeitos de direito e, partir daí, refletir sobre a necessidade de uma radicalidade, no sentido da problematização, transformação/ação e intervenção de nossa práxis cotidiana, do nosso estar no e com o mundo.

THE RELEVANCE OF PAULO FREIRE'S THOUGHTS AND THEIR CONTRIBUTION TO EDUCATION IN BRAZIL

Abstract

This text presents of summary of Paulo Freire's thoughts, primarily as they relate to his concepts on education, banking education (where the teacher is the depositor of knowledge and the students are the depositories), and dialogical education. These concepts are used as a basis for reflecting on the relevance of Paulo Freire's thoughts and their contribution to confronting the educational problems in our society.

Keywords: *Paulo Freire. Banking education. Dialogical education.*

L'ACTUALITE DE LA PENSÉE DE PAULO FREIRE ET SA CONTRIBUTION A L'ÉDUCATION AU BRESIL

Résumé

Dans ce texte, on présente une synthèse de la pensée de Paulo Freire, en particulier en ce qui concerne leurs conceptions de l'éducation, de l'éducation bancaire et de l'éducation dialogique. Sur la base de ces concepts, il est fait une réflexion sur la pertinence de la pensée de Paulo Freire et sa contribution pour faire face aux problèmes de l'éducation dans notre société.

Mots-clés: *Paulo Freire, éducation bancaire, éducation dialogique.*

Referências

ARROYO, Miguel G. Paulo Freire em tempos de exclusão. In: FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). *Pedagogia da libertação em Paulo Freire*. São Paulo: Unesp, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000.

Recebido em maio de 2012
Aprovado em junho de 2012